

**História e Historiografia Digital: diálogos possíveis em uma nova esfera pública**

ANITA LUCCHESI\*

**1. Apresentação<sup>1</sup>**

A presente comunicação objetiva realizar uma apreciação crítica da entrada do elemento “Digital” na cena historiográfica contemporânea. Isto significa dizer que daremos atenção especial à relação do par História e Internet, esta última como culminância dos mais recentes desenvolvimentos tecnológicos na área da comunicação e da informação. Situamos nosso problema no contexto de outros combates enfrentados pelos historiadores da segunda metade do século XX para cá, porém, refinando nosso foco para os desdobramentos destes últimos acontecimentos historiográficos na primeira década de século XXI. Embora o lugar de fala que aqui nos é oferecido apresente, de antemão, alguns limites de espaço e tempo para a discussão, procuraremos, mesmo sem muitas licenças para digressões mais longas, propor uma reflexão histórica sobre a utilização da “Rede das Redes” na Oficina da História, esperando que isto possa, efetivamente, permitir que um debate mais longo se desenvolva a *posteriori*.

As tendências historiográficas que nos propomos a estudar em nossa dissertação de mestrado, sobre as quais decidimos apresentar aqui algumas características e problemas, tratam da apropriação da Internet pela História, seja como ferramenta de pesquisa, repositório de fontes ou novo meio para divulgação de trabalhos históricos. Uma destas tendências tem lugar nos Estados Unidos (EUA), já a outra na Itália. Veremos um pouco aqui, como os estudiosos do tema nestes países têm concebido a “história digital” ou ainda, a “historiografia digital”. Especialmente para este Simpósio Nacional cujo tema de centro é o conhecimento histórico e o diálogo social, procuraremos dar mais ênfase aos aspectos mais públicos destas tendências historiográficas frente ao elemento digital, isto é, buscaremos destacar as características específicas do advento da *World Wide Web* que mais colocam a nossa disciplina em um espaço privilegiado para o diálogo social. Lembrando, contudo, com Dilton Cândido

---

\* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Bolsista CAPES.

<sup>1</sup> Adverte-se que todas as citações presentes neste artigo extraídas de livros e artigos em língua estrangeira (Inglês ou Italiano) foram traduções livres realizadas pela autora do texto.

Santos Maynard, que “a verdadeira questão não é ser contra ou a favor da Internet. O importante é compreender as suas mudanças qualitativas” (MAYNARD, 2011:42).

Desta forma, sintonizados neste objeto historiográfico que é a emergência da *Digital History* (nomenclatura estadunidense) ou *Storiografia Digitale* (nomenclatura italiana), seguimos em frente atentos aos desafios de se fazer História no Tempo Presente, sem perder de vista alguns movimentos que ainda podemos enxergar pelo retrovisor. Adventos historiográficos que marcaram o século XX, tais quais a virada linguística, a Nova História, a História Quantitativa, a História Oral, o crescimento dos Estudos Culturais, a Microhistória e o também recente incremento da História Pública, que recentemente ganhou uma rede aqui no Brasil<sup>2</sup>, mantêm, não casualmente, um inextricável parentesco com as tendências que nos propomos a discutir.

## 2. Ruídos de uma nova esfera pública

O sociólogo John B. Thompson (1998), da Universidade Cambridge, refletindo sobre as transformações do “digital” que depois viriam a encorpar as discussões do *Digital Humanites* na Inglaterra, apresenta uma grande mudança no que diz respeito à comunicação na contemporaneidade. Segundo ele, a utilização das redes de comunicação e informação, criaram novas formas de ação e interação na sociedade, ao mesmo tempo em que transformam os diversos tipos de relação entre os indivíduos e mesmo a relação mais íntima de si consigo mesmo. Além das relações sociais, jamais ignoradas pelos historiadores dos mais variados campos do conhecimento histórico, as novas tecnologias de informação e comunicação (TICs), também alteram radicalmente a organização espaço-temporal da vida social, o que, portanto, toca diretamente nas matérias matriciais com que lida o historiador em seu ofício.

J. B. Thompson propõe uma teoria social para os meios de comunicação de massa em que diz ser necessário rever o conceito de esfera pública proposto por J. Habermas. Para o autor, a criação de novas formas de sociabilidade e de vida pública

---

<sup>2</sup> A rede se lançou em setembro de 2012, segundo a apresentação constante em seu site: “A Rede Brasileira de História Pública foi criada em torno do interesse comum de pesquisadores, profissionais, professores e estudantes interessados em refletir sobre a história pública, suas potencialidades e desafios, bem como de estimular a prática de produção do conhecimento histórico dirigido a diferentes públicos, com um enfoque interdisciplinar.”. Disponível em: <http://historiapublica.com/> Último acesso: 30.03.2013.

que se colocam fora do Estado, que independam dele, significa, na verdade, “a reinvenção da esfera pública” (THOMPSON, 1998:327). A Internet, muito provavelmente, de meados dos anos 1990 para cá, foi um dos maiores incrementos asseguradores desta nova esfera pública, em que, a liberdade da coisa pública, o desmantelamento de uma *supra* institucionalidade qualquer que pudesse, via Estado, regular as comunicações, se fez perceber em sua mais plena forma.

A virtualidade, característica do mundo pós-fordista, é uma vertente especial da cibercultura<sup>3</sup>, sobretudo quando mediada eletronicamente, possibilitando a existência de uma sociedade em que se torna comum relacionar-se, trabalhar, trocar informações, comprar, vender, ler, escrever e publicar *online*. Uma sociedade que passa por um processo de desterritorialização (LÉVY, 1996, p. 47) e que acaba por confundir os espaços públicos e privados, cujas fronteiras se tornam cada vez mais diáfanas, apesar da distinção histórica entre ambas as esferas como assinalada por Habermas (1984).

Neste contexto, emerge um novo espaço público, virtualizado por intermédio de novas mídias, como a internet, atualizando o conceito inicial de esfera pública dado, entre outros, por Habermas (1984), certamente tendo em vista a evolução do pensamento livre, desde o Século das Luzes, considerando o nascimento da sociedade civil moderna e do uso público da razão. No espaço público “original”, por assim dizer, segundo Habermas, deveria haver espaço para a emergência de conflitos coletivos, bem como o reconhecimento e interação com os diferentes pontos de vistas de grupos ou indivíduos levados a público. Neste espaço predominaria o diálogo e a racionalidade na mediação dos dilemas coletivos. Jamais a desigualdade de voz e a coerção deveriam legitimar processos que então deveriam ser, categoricamente, democráticos. O espaço público seria, portanto, o espaço do cidadão (e por detrás deste a noção de cidadania, direitos e igualdade) exercer toda sua liberdade, um ambiente em que a comunicação pudesse ir ao encontro do desenvolvimento democrático.

---

<sup>3</sup> Segundo Marcos Silva a Cibercultura pode considerada "o mais recente e avançado espaço de produção cultural da humanidade" (SILVA, 2012:257), espaço de produção de novas formas de expressão cultural, como expressões a blogosfera, a ciberarte (web arte), a poesia digital, a ciberjornalismo, as comunidades virtuais, a cibercidadania, a ciberpsicologia e a cibergeografia (SILVA, 2012:256).

Cabe lembrar, entretanto, que segundo Habermas e ainda um de seus mestres da Escola de Frankfurt, T. Adorno, na sociedade da indústria cultural e de consumo, esta suposta liberdade de pensamento é flagrantemente influenciada por interesses econômicos e políticos, isto é, não haveria de fato uma neutralidade. Segundo Adorno, tudo que vem a público está “marcado” e tal fato não se manifestaria apenas no campo abstrato das ideias, mas poderia ser verificado na própria não naturalidade de uma ausência total de liberdade estilística dos produtos culturais. Seria este o “paradoxo da rotina travestida de natureza” (ADORNO, 1985:120).

Contudo, para a nova “esfera pública virtual”, já afirmada por estudiosos do ciberespaço na Teoria da Comunicação (MARCONDES, 2006), embora também seja verdadeira a prerrogativa da não neutralidade dos discursos, não se trata apenas de uma determinação política e econômica superior. Há outros determinantes culturais nos sistemas de ações que surgem nesta “esfera pública virtual”. Perfilamos a análise de Melucci de que os problemas destes novos sistemas afetam a identidade pessoal, as percepções de tempo e de espaço na vida cotidiana, a motivação e os padrões culturais da ação individual (MELUCCI, 1996:58-60).

### **3. E a História cai na rede: considerações sobre a nova história/historiografia digital**

Era Digital, Era do Acesso ou da Informação. O período cujo recorte estudamos – de 2001 a 2011 – é também o momento em que a marca deixada pelo “signo da aceleração” na cultura histórica moderna se abrasa (VARELLA et al, 2012:07). Nicolau Sevcenko nos apresenta o surgimento deste cenário, atravessado por transformações vorazes desde a Revolução da Microeletrônica na corrida para o século XXI (SEVCENKO, 2009:16-17), como um daqueles momentos que antecedem o *loop* de uma montanha-russa, “o mergulho no vácuo, o espasmo caótico e destrutivo” (SEVCENCKO, 2009:16). Do “breve século” XX de Eric Hobsbawm (1994), ficaram páginas vermelho-sangue de uma quase inenarrável História de horror, de quando “graças aos novos recursos tecnológicos [e não só] produziu-se um efeito de destruição

em massa; nunca tantos morreram tão rápido e tão atrozmente em tão pouco tempo” (SEVCENCKO, 2009:16).

Para o bem ou para o mal, o avanço inexorável da ciência e, a reboque, da tecnologia, parece ter impresso nos “últimos tempos” o *topos* do “mais rápido do que nunca” (PEREIRA e MATA, 2012:26). Esta experiência de aceleração guarda certa dose de eurocentrismo, possivelmente, pelo fato de muitos eventos terem sido – quase como uma demanda política - historicizados mais rapidamente no século XX europeu. Se por um lado, isto se configura em um presente hipertrofiado (HARTOG, 2012), em que os eventos contemporâneos se fazem públicos enquanto acontecem (ex.: 11 de setembro de 2001) e já se historicizam; por outro ângulo, este mesmo presentismo pode ser interpretado como um “presente lento”, dilatado, uma vez que certo conjunto de experiências e de referências intelectuais ainda não se tornaram estranhas para nós (PEREIRA e MATA, 2012:15).

A “História Digital”, como traduziríamos o termo estadunidense, e a “Historiografia Digital” italiana, não são, absolutamente, as pioneiras no que diz respeito à utilização de tecnologias informáticas como ferramentas para a escrita da história. Antes delas, outras formas de se fazer história lançaram mão de *hardwares* e *softwares* em maior ou menor medida. Ora condicionando o acesso e a manipulação de determinado tipo de fonte (como para os arquivos de áudio daqueles que trabalham com História Oral), ora caracterizando um novo método de pesquisa histórica (como fizeram as “supercalculadoras” da História Quantitativa), o uso da computação pelas humanidades, e não só por historiadores, já não é novidade. De modo que surge na Inglaterra em fins do século XX e início do XXI um novo campo denominado *Digital Humanities*<sup>4</sup>, dedicado a pensar exatamente as mudanças qualitativas engendradas pela informatização digital deste último *fin de siècle*.

Talvez o que magnetize as Novas Tecnologias de Informação e Comunicação, (das quais a Internet é menina dos olhos) à questão da aceleração, em que tocamos há

---

<sup>4</sup> O termo teria surgido em 2001 durante a discussão sobre o título para o volume inglês *Companion to Digital Humanities*, organizado por Susan Schreibman, Ray Siemens and John Unsworth (2004). O compêndio encontra-se integralmente disponível de forma gratuita online: <http://www.digitalhumanities.org/companion/> Último acesso: 18.02.2013.

pouco, seja exatamente aquilo que nos acerta em cheio enquanto historiadores: as distorções que estas tecnologias causam às noções de temporalidade e espacialidade.

Se foi possível dizer da Globalização que houve um redimensionamento do globo terrestre, o que dizer da deliberada virtualização (de tempo, espaços e relações) em curso, não se sabe para onde? Cabe lembrar que este “surto vertiginoso das transformações tecnológicas não apenas abole a percepção do tempo, mas também obscurece as referências do espaço” (SEVCENKO, 2009:20-21) e, para as consequências disso, ainda não se tem, sequer, hipótese. Tudo que podemos ver desde o vagão de nossa montanha-russa, mergulhando neste *loop* presentista, é um borrão.

Vivemos, pois, a “historicização imediata da era digital” (PEREIRA e MATA, 2012:22), em sociedades de imediatividade, de economia midiática, com suas histórias e seus crimes de massa. Um presente por muitas razões, distinto de outros tantos presentes do passado, como nos lembra Hartog (2010), pleno de memória, patrimônio e dívida. Momento de uma história eclipsada pela memória, em que o passado é mais sedutor do que a própria história (HARTOG, 2012:04).

Tal “obsessão” pelo passado, contudo - explica Temístocles César, apoiado nas conjecturas historiográficas de Hartog e Jacques Revel:

*(...) não reflete uma ideia de história fundada no que teria de fato acontecido, mas em um regime de historicidade marcado pelo presente. Paradoxalmente, o passado que não quer ou não pode passar [em referência a Ernst Nolte (1988) e Henry Rousso (1994)] implica um presente que, igualmente, não passa” (CEZAR, 2012:31).*

É assim que, mesmo achatados por este Tempo Presente, ainda procuramos, a despeito do que se diga do impossível “calor do momento”, produzir algum sentido sobre as disputas – e, por que não, os consumos? – que se fazem deste(s) passado(s), para nosso caso particular, disperso(s) através da Rede Mundial de Computadores.

No limiar do século XXI, as mudanças acumuladas a partir das novas tecnologias instauram uma inquietude nova para aqueles que fazem história utilizando-se dos meios digitais e começam a “desnaturalizar” os novos instrumentos. Inicialmente, de maneira quase inconsciente, como artesãos diante de uma nova ferramenta ou novo material, enveredaram-se intuitivamente no suspeito, mas atraente

desconhecido. O movimento não consciente destes gestos iniciais, entretanto, não estava totalmente desligado da crítica. De modo que, ao perceber que havia algo possivelmente inédito nesta diversa configuração de seu trabalho, alguns fazedores de história introverteram seus olhares.

Isto que dizer que apesar da forte correnteza, alguns ousaram se lançar neste mar de incertezas da verificação do que vem a ser, afinal, fazer história através (Internet como ferramenta), a partir (Internet como Fonte) e com a Internet (a Internet como uma matéria que engendra a possibilidade de um novo método).

O sociólogo espanhol Manuel Castells em seu trabalho *A Galáxia da Internet*, apresenta uma visão otimista da “nova estrutura social predominantemente baseada em redes” (CASTELLS, 2003:08) organizada em torno e graças à Internet. Como um dos que se lançaram à correnteza, entretanto, Castells não ignora que a velocidade de transformação da tecnologia tenha tornado difícil para a academia seguir com suas pesquisas o ritmo destas mudanças e chamou atenção para o fato que “Tirando proveito desse vácuo relativo de investigação, a ideologia e a boataria permearam a compreensão dessa dimensão fundamental das nossas vidas” (2003).

O presente texto, pois, é um apelo para que saíamos da boataria. É mais um convite à ampliação do diálogo sobre História, Internet e Novas Mídias, do que um guia para a *mais correta* introdução do tema. Sem pretensões de esgotar a discussão, nem aclamar um ou outro ponto de vista sobre o tema, estão presentes aqui as inquietações (não todas) de pelo menos cinco anos de pesquisa<sup>5</sup>.

A historiografia acadêmica não é o único tipo de história presente na Internet de acordo com Serge Noiret (2005), especialista em história da informação belga, mas fixado no European University Institute (EUI) desde o início dos anos 1990<sup>6</sup>. Existem

---

<sup>5</sup> Uma vez que o interesse por este tema, as leituras e as perguntas (muitas perguntas) nos acompanham desde o segundo ano da graduação em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2006-2011).

<sup>6</sup> Noiret figura entre os estudiosos da *Storiografia Digitale* e nós o situamos entre a produção italiana, levando em consideração o que escreve no idioma italiano para seus pares neste país. Noiret é um dos responsáveis pelo diálogo institucional entre o *European University Institute* (EUI – Florença, Itália) e o *Roy Rosenzweig Center for History and New Media* da *George Mason University* (CHMN/GMU – Fairfax, Virginia, EUA). Através da mediação de Noiret, que em seus trabalhos notavelmente faz referência aos estudos norte-americanos sobre *Digital History*, em 2011, o EUI organizou em parceria com o CHMN o evento THATCamp – edição “Florence”. Este é um dos eventos idealizado pelo CHMN para discutir questões relacionadas, não estritamente à História e Internet, mas de maneira mais ampla ao

muitas outras histórias presentes nessa rede, e ainda memórias e uso público do passado, com fins muito diversos, entre eles ideológico e propagandístico, diz Noiret. Na Itália, especialmente estes usos do passado na rede atraí a atenção dos historiadores, muito em função do passado recente, de experiência fascista.

Segundo Noiret, a utilização sistemática das novas mídias por historiadores e não historiadores, tendo a Web como uma espécie de mídia englobante, transformou a Internet em um espaço privilegiado para a comunicação pública da História. Entretanto, é preciso ter cuidado, pois há uma linha tênue que separa a *Popular History* da *Public History*, sendo esta última, ainda que diversa da historiografia acadêmica, necessariamente dotada de métodos específicos para a reconstrução crítica e científica do passado (NOIRET, 2011:07-08)<sup>7</sup>. Assim, a História Pública é, para Noiret, presidente da recém-criada Federação Internacional de História Pública<sup>8</sup>, uma disciplina ainda pouco reconhecida pela historiografia fora dos Estados Unidos e da Inglaterra, mas que após sobreviver nas margens da academia em museus, bibliotecas, arquivos e outras instituições culturais, finalmente ganha fôlego novo e mais espaço com o advento da Internet. Surge assim a *Digital Public History* (NOIRET, 2011:03).

A última justaposição de nomes para algo historiograficamente tão novo pode soar ainda mais estranha e não-convencional a ouvidos menos abertos às novas tecnologias, mas surge de uma junção de fatores igualmente rara em nossa área. Embora a interdisciplinaridade tenha sido insistentemente evocada aqui e acolá após o pontapé dos Annales, sabe-se que para além da instrumentalização de outras disciplinas como assessoras da História, o real trabalho colaborativo com outras áreas raramente extrapolou as fronteiras do texto, tendo muitas vezes sido relegada a uma interdisciplinaridade de pé-de-página. Entretanto, com a chegada da Web e as

---

*Digital Humanities*. Cabe destacar que Noiret também figura entre os autores da coletânea “La Storiografia Digitale” organizada por Ragazzini em 2004, com um artigo sobre a história contemporânea na rede. O perfil de acadêmico pode ser consultado em sua página no EUI:

<http://www.eui.eu/Personal/Staff/Noiret/noiret.html> Último acesso: 19.02.2013.

<sup>7</sup> Noiret adverte que também nesta modalidade de história estão presentes os limites da parcialidade e da validade destas reconstruções. Julgamos que não venha ao caso aqui discutir de maneira mais detida as pretensões de verdade e as Verdades com “V” maiúsculo que se dizem da história, embora não restem dúvidas de que há (ou deva haver) em todo trabalho histórico um compromisso sério, por mais inverificável que este possa ser em seu limite, com a realidade histórica do passado.

<sup>8</sup> Fundada em março de 2012. Endereço <http://publichistoryint.org> Último acesso: 30.03.2013.



possibilidades inauguradas por ela, parece que o trabalho em conjunto, colaborativo entre profissionais das mais diversas áreas tem sido favorecido.

Em 2004 o historiador Dario Ragazzini da faculdade de Educação da *Università degli Studi di Firenze* reuniu artigos de especialistas da área de história, história da informação, da educação e da arquivística em um volume intitulado, nem mais, nem menos: *La Storiografia Digitale*. O volume propõe-se a discutir as “novas problemáticas dos estudos históricos após a revolução informática” e levanta as perguntas “Quanta e qual história está presente hoje na web?”, “Quanta e qual estará em um futuro próximo?”, “O que muda para os especialistas e não especialistas de história?”<sup>9</sup>. Segundo Ragazzini:

*Acontece que a atividade cotidiana – alta ou baixa, excepcional ou extraordinária – deixa traços do tipo informático, que serão os documentos e as fontes da história futura do nosso presente. Como a historiografia de uma cultura alfabética é diferente daquela oral, assim também a historiografia de uma cultura digital será – e já o é – diferente daquela de uma cultura alfabética. (RAGAZZINI, 2004:VII)*

Falar em uma nova historiografia, nestes termos – daquela que vai lidar com os traços de certos passados - é falar em um novo jeito de escrever a história, não apenas em uma produção de história sobre a cultura digital. Uma nova prática. Nova porque, ora, se contrastada com as anteriores apresentará inovações ou desvios (que nem se positive o termo “inovação”, nem se negativize “desvio”, ambos servem para falar de diferenças).

Provavelmente uma das diferenças da “história/historiografia digital” de mais destaque para pensarmos a relação entre o conhecimento histórico na Web e as possibilidades de diálogos sociais e interações a partir dele seja a viabilidade de uma nova forma de escrita da história nesta Era Digital. Para Robert Darnton, a manipulação das fontes históricas em formato/ambiente/suporte digital<sup>10</sup> permite a organização de uma narrativa diferente, em níveis (*layers*). Ragazzini também chama atenção para o “aumento da coparticipação cognitiva do usuário” em relação à história na rede. Para

<sup>9</sup> Texto da capa do livro (RAGAZZINI, 2004) que, paradoxalmente, não se encontra disponível online, ao menos até o momento em que submetemos este texto (março, 2013). Ver bibliografia.

<sup>10</sup> Robert Darnton (1999), bem como o italiano Antonino Criscione (2003), entre outros, identificam no hipertexto eletrônico uma das maiores forças destas inovações. Ver bibliografia.

Darnton, “escrever digital” é compor um tipo diverso de texto, pensando em uma audiência nova também – os leitores digitais. É permitir ao seu público que navegue em um texto mais virtual, constituído em vários andares e níveis onde:

*Se eles vêm em cima de algo que lhes interessa em particular, eles podem clicar uma camada abaixo em um ensaio suplementar ou um apêndice. Eles podem descer mais profundamente através do livro, através dos corpus documentais, bibliografias, iconografia, música de fundo, e tudo o que eu puder oferecer para dar a compreensão mais completa possível do meu assunto. No final, os leitores produzirão seus próprios objetos, porque eles vão encontrar os seus próprios caminhos através deles, lendo horizontal, vertical ou diagonalmente, aonde quer que as ligações eletrônicas possam levar. (DARNTON, 1999)*

Para o especialista em arquivos, Stefano Vitali, que também publica em *La Storiografia Digitale*, outra diferença deste cenário é a intensificação do problema da conservação (quer requer pré-seleção). A conservação está à ordem do dia, pois é ela que atribui ao saber histórico um caráter “potencialmente universal”, segundo Certeau, procurando garantir verificabilidade às informações que se tornam públicas. Tal verificabilidade só pode ser garantida na Internet se além das operações de seleção, se tomem também medidas de preservação (VITALI, 2004:107). Problemas similares eram postos também à época das antigas bibliotecas, ou mesmo na fundação de cada arquivo, mas de maneira muito menos intensa.

Segundo Vitali, a imaterialidade e fragilidade dos arquivos digitais (se pense ao número de sites que desaparecem por desativação, ou nos temíveis erros 404 “*page not found*”) são características críticas do formato digital que, junto à sua volatilidade e dinamicidade, implicam em não poucos problemas de ordem metodológica para o trabalho historiográfico, colocando em questão a “usabilidade” de fontes neste formato (VITALI, 2004:16).

Ora, é o axioma dos tempos digitais: escassez na abundância<sup>11</sup>. Enquanto o arquivo físico, nosso velho conhecido, se designa pela pressuposta perenidade que supostamente pode dar às informações sob sua custódia no decorrer de longos períodos, a Internet, segundo Vitali, tem se caracterizado pelo oposto, a instantaneidade - a oferta

---

<sup>11</sup> Também refletem sobre este problema da documentação em excesso os norte-americanos, com algumas diferenças sobre onde recaem suas maiores preocupações, e como avaliam tal excesso. Para mais a este respeito consultar “Scarcity or Abundance?” (ROSENZWEIG, 2003). Ver bibliografia.

de informações frescas em um ritmo sempre mais rápido, próximo ao “tempo real” da própria informação. E, inversamente ao arquivo, pouco oferece de estabilidade e permanência para as informações.

Desta forma, parece que estamos diante de uma situação nova e muito ainda está por ser aprendido (e ensinado). Como nota Pierre Lévy: “O segundo dilúvio não terá fim. Não há nenhum fundo sólido sob o oceano de informações. Devemos aceitá-lo como nossa nova condição. Temos que ensinar nossos filhos a nadar, a flutuar, talvez a navegar” (LÉVY, apud MAYNARD).

Algo a ser aprendido ainda, sem dúvidas, passa por como lidar com a abundância de informações do Digital, oferecido em um formato de narrativa também novo e muito mais interativo. Em 2005 é publicado nos Estados Unidos um volume de dupla autoria, intitulado *Digital History: A Guide to Gathering, Preserving, and Presenting the Past on the Web* escrito por Rosenzweig e Daniel Cohen. O propósito do livro, para os autores, imersos na realidade cultural de um país de ponta no desenvolvimento e utilização de novas tecnologias, é óbvio:

*Este livro emerge em resposta para essas dramáticas mudanças. Apenas dez anos atrás, nós não teríamos imaginado a necessidade de "um guia para coletar, preservar e apresentar o passado na web". De fato, poucos de nós sabiam da existência da web. Mesmo os editores da Wired ignoraram isso em seu suplemento inaugural. Dez anos atrás, nós teríamos sido objeto de curiosidade, se não de escárnio, se propuséssemos tal objeto. Hoje, a necessidade disto parece auto evidente. (COHEN e ROSENZWEIG, 2005)*

O “guia” propõe que fazer *Digital History* é fazer história usando a Web consciente de suas vantagens e desvantagens. Entre as vantagens, tocam em questões como capacidade (de armazenamento), acessibilidade, flexibilidade, diversidade, manipulabilidade, interatividade e hipertextualidade (ou não-linearidade). Entre as desvantagens, estariam aspectos relacionados à superinformação na rede, como qualidade, durabilidade, leituraabilidade (*readability*), passividade e inacessibilidade (COHEN e ROSENZWEIG, 2005).

Já a *acessibilidade*, para Cohen e Rosenzweig, seria promissora próprio pelo que podemos pensar do sentido mais amplo da palavra. Pelo fato de tornar acessível a uma enorme audiência, em certa medida, jamais experimentada (nestes marcos da nova esfera pública da Web), uma grande quantidade de informações e fontes. A abertura de

bibliotecas, arquivos e museus ao grande público online, não só duplica ao primeiro instante a quantidade de fontes através das cópias digitais, mas também modifica a experiência de quem consome tal informação. Se isto pode ser significativo para adolescentes que acessem documentos da *Library of Congress*<sup>12</sup> na Internet, o que pode significar para historiadores?

Entre outras coisas, a acessibilidade uma das características da Web que mais aproximam a *Digital History* das práticas de História Pública (*Public History*), ou seja, a história aplicada, a história e os diversos modos como ela é colocada no/para o mundo. Isto se deve ao fato de que na Era Digital, “O passado se encontra repentinamente mais acessível e isto é ainda mais rico em função da terceira característica da mídia digital - daquilo que podemos chamar de *flexibilidade*”, ressaltam autores. Esta característica seria aquela pela qual na Web se tornou possível reunir diferentes tipos de mídias (arquivos de sons, áudios, textos, imagens, vídeos) em um mesmo espaço. E mais, tal flexibilidade significa também a possibilidade destas mídias assumirem facilmente outras roupagens. Pensemos a uma palavra que *linka* para um mapa, que *linka* para um imagem, ao mesmo tempo acompanhada de sons e texto?

A respeito desta “escrita multimedial” possível na Web, Rosenzweig e Steven Brier são categóricos: “Para historiadores, as vantagens disto são óbvias. O passado ocorreu em mais de um meio. Então por que não estarmos aptos a apresentá-lo em múltiplas dimensões?” (1994). A flexibilidade, assim, transforma a experiência do consumo de história, ao passo que as mídias digitais também vão, em virtude da sua abertura e *diversidade*, alterar as condições de produção da história. Como os italianos notaram também, não só historiadores utilizam a Web para publicar histórias, pelos mais variadas categorias de autores. Rosenzweig e Cohen chamam atenção para o fato de que através dos olhos do Google – como a maioria das pessoas vê a Web – mesmo um desinteressado blogueiro pode ser mais influente em determinados temas do que celebrados historiadores. Na rede, todos podem produzir conteúdo e isto significa mais, segundo os autores do “guia”:

---

<sup>12</sup> Disponível em: <http://www.loc.gov/index.html> Último acesso: 20.02.2013.

*nós podemos fazer mais, alcançar mais pessoas, armazenar mais dados, oferecer aos leitores maior variedade de fontes, podemos levar mais materiais históricos para as salas de aula, dar para os estudantes mais acesso a fontes restritas, aprender de mais perspectivas (COHEN e ROSENZWEIG, 2005).*

Outra mudança, esta menos quantitativa e mais qualitativa da Web é sua *interatividade*. Rosenzweig e Cohen destacam-na pois esta inaugura uma nova relação com o conteúdo histórico em que todo ponto de consumo é – pode ser também – ponto de produção. Esta interatividade possibilita múltiplas formas de diálogos sociais, não apenas entre historiadores profissionais, mas entre profissionais e não-profissionais, professores e estudantes, estudantes e estudantes e todas as pessoas que estiverem de alguma maneira refletindo sobre o passado na rede. Pense-se à possibilidade dos *feedbacks* via comentários em blogs e sites Web afora, sem falar dos fóruns, redes sociais e jogos online. Os autores observam, como também chamaram atenção os italianos em 2004, que tudo isto altera em certo sentido o nível de responsabilidade da prática historiadora. Na Web as novas formas de colaboração, debates e jeitos de "coletar o passado" não são novidades restritas à academia. Qualquer um (dotado de computador com acesso à Internet) pode fazê-lo:

*Ao menos potencialmente, mídias digitais transformam a tradicional relação de mão-única entre leitor/escritor, produtor/consumidor. Historiadores públicos, em particular, têm buscado formas de "compartilhar autoridade" com seu público; a web oferece um meio ideal para esta comparação e colaboração. (COHEN e ROSENZWEIG, 2005)*

A escrita descontínua possibilitada pela *hipertextualidade* (ou *não-linearidade*) da Web também parece reforçar esta espécie de nova relação entre autor e leitor, uma vez que a interação do leitor com as fontes e com o texto inteiro poderá ser distinta da forma imaginada a priori pelo seu autor. Nesta configuração, exacerba-se a velha convenção de que cada leitura encerra uma releitura. Os leitores ficam aptos a colaborar com o texto e se tornam, em certa medida, co-autores do mesmo (DECEMBER, 1996). Rosenzweig e Steven Brier notam que isto não se limita ao uso dos pesquisadores de carreira, mas pode chegar às escolas, repercutindo nas práticas docentes da comunidade historiadora:

*a tecnologia computacional pode tornar possível (embora não garanta essa possibilidade) para estudantes e outros leitores ter mais controle sobre sua*

*aprendizagem e para se moverem em seu próprio ritmo, tomando as decisões sobre a direção em que eles querem ir, por quais atalhos querem investigar. Novas tecnologias podem também liberar os professores de alguns dos aspectos mais repetitivos e menos edificantes de ensino e permitir-lhes passar um tempo trabalhando direta e criativamente com os alunos. (ROSENZWEIG e BRIER, 1994).*

Sobre história neste ciberespaço, o italiano Antonino Criscione, em diálogo com outro historiador norte-americano, Edward L. Ayers, não hesita em dizer que a “história hipertextual” permite um melhoramento do trabalho do historiador, seja no sentido analítico que estético. Fala-se então, apesar das dificuldades e dos problemas metodológicos que se colocam, de um aumento das condições de explicação e compreensão da história, versada em forma narrativa. Segundo Criscione seria propriamente o hipertexto, o “potencial assassino da história”, a dotar o ciberespaço de uma complexidade tal, que possibilitaria um salto historiográfico, do ponto de vista da narrativa, potencializada pelo digital, como antecipara Darnton:

*Ter a disposição um espaço mais complexo consentiria ao historiador combinar estruturas e processos, espaço e tempo, e de colocar os documentos em amplos sistemas dinâmicos. Tais sistemas, como *The Valley of the Shadow* [referência a um projeto estadunidense], o site sobre Guerra da Secessão americana projetado e realizado pela equipe dirigida por Ayers, são tais e capazes de não inspirar a reificação, que é a ameaça constante quando se fala de estruturas históricas, nem à imprecisão ou à teleologia, que emergem quando se fala de processos históricos. A **história hipertextual** permitiria, de fato, pensar em modos diferentes de construir narrações estratificadas, ramificadas, aninhadas, além de apresentar as fontes e construir argumentações em referência a essas. (CRISCIONE, 2003, grifo nosso)<sup>13</sup>*

Deste modo, a *Digital History* dos americanos e a *Storiografia Digitale* dos italianos, apesar das ênfases em problemas um pouco diferentes, se aproximam bastante, na medida em que se preocupam sobre uma iminente nova forma de se escrever e consumir história na Internet.

Definindo pelo que *Digital History* engloba de novo (não pelo que é), Kirsten Sword aponta para três filões: Novos Arquivos (e as novas indagações possíveis a partir deles); Audiências (novas pontes entre academia e comunidade, caminhos para História

---

<sup>13</sup> Os norte-americanos exploram as mesmas vantagens sugeridas por Criscione em relação ao uso do hipertexto e da linguagem multimedial, mas veremos no capítulo subsequente como apresentam este quadro de maneira, não casualmente, mais fascinante. Para acessar o *The Valley of The Shadow*, mencionado na citação, ir à: <http://valley.lib.virginia.edu/> Último acesso: 21.02.2013.

Pública) e Colaboração (algo capaz de engendrar novos projetos, mas ainda limitado pelo padrão institucional de historiadores que trabalham sozinhos) (Journal of American History, 2008). As três questões colocadas por Sword passam inevitavelmente pelas características das mídias digitais evidenciadas pelo trabalho de Rosenzweig e Cohen no guia de 2005, que como vemos, ainda em 2008, continuam sendo “novidades”. Hoje não é muito diferente.

A problemática atual se apresenta como: fazer história *a partir de e com* estas ferramentas ou deixar que as ferramentas *façam e determinem* a história. Certamente nem mesmo os historiadores digitais mais entusiasmados pelas tecnologias esperam inserir dados nos computadores, lançar isto online e acreditar que isto venha a ser história. Entretanto, ainda destreinados e inexperientes nisto que, aqui no Brasil nem possui um nome ainda – nós utilizamos a dupla expressão “história/historiografia digital” – muitos se perdem diante da magnitude de informações disponíveis na rede e se deslumbram pela tecnologia.

Segundo Steve F. Anderson, estudioso da relação entre mídias e culturas e autor do livro *Technologies of History* (2001), cada nova geração de tecnologia midiática traz consigo uma nova possibilidade de se *reimaginar* nossa relação com o passado (2011:01). Para Anderson, por exemplo, a nova linguagem pode significar uma nova forma de representar o passado, como o que ele chama de “Visual History” (somente possível através os recursos multimídia) capaz de atrair maior audiência e interessar a mais pessoas.

Anderson chama atenção para o fato de que “Em nossa presente era de proliferação tecnológica, aquilo que frequentemente chamamos de história parece vir, mais ou menos automaticamente, de filmes, televisão e telas de computadores (...)”. E assume, “De fato, a historiografia depende da mídia como matéria-prima e meio de transmitir ideias de um momento ou geração para o(a) próximo(a)”. Entretanto, alerta para o fato de que “a precisa natureza da relação entre a historiografia e seu meio está longe de ser transparente” (ANDERSON, 2011:04). E nós acrescentamos, por tudo o que vimos, longe também de ser neutra. Os meios, mesmo *não fazendo história por eles mesmos*, condicionam a pesquisa e a comunicação história. Daí, a necessidade de, como

defendem os estudiosos dos EUA e da Itália, aprendermos, afinal, como estes novos meios funcionam.

### Referências:

- ADORNO, Theodor. **Dialética do Esclarecimento**. Zahar: Rio de Janeiro, 1985.
- AYERS, Edward L., “History in Hypertext”, **Virginia Center for Digital History**, 1999. <http://www.vcdh.virginia.edu/Ayers.OAH.html>
- CASTELLS, Manuel. **Comunidades Virtuais ou Sociedade de Rede? A Galáxia da Internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- CERTEAU, Michel de. **The Writing of History**. Columbia University Press, 1992.
- COHEN, Daniel J, and Roy ROSENZWEIG. **Digital history □: a guide to gathering, preserving, and presenting the past on the Web**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2005.
- \_\_\_\_\_, Daniel J et al. “Interchange: The Promise of Digital History.” **The journal of American history**. 95.2, 2008.  
<http://www.journalofamericanhistory.org/issues/952/interchange/index.html>
- CRISCIONE, Antonino. “Sopravviverà La Storia All’ipertesto?” **Memoria e Ricerca**, n.s. 12, p. 165. 2003.  
<http://www.fondazioneasadioriani.it/modules.php?name=MR&op=body&id=316>
- DARNTON, Robert. “A Historian of Books, Lost and Found in Cyberspace”. **Chronicle of Higher Education; American Historical Association**, 1999.  
<http://www.historians.org/prizes/gutenberg/rdarnton.cfm>
- EAGLETON, Terry. **A idéia de cultura**. Tradução de Sandra Castello Branco. São Paulo: Editora UNESP, 2005.
- HABERMAS, Jürgen. **Mudança Estrutural da Esfera Pública**. Tempo Brasileiro: Rio de Janeiro, 1984.
- LÉVY, Pierre. **O que é o Virtual**. São Paulo: Ed. 34, 1996.
- \_\_\_\_\_, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed.34, 2000.
- MARCONDES, Valéria. Assertivas quanto à “esfera pública virtual”, Poder e Ciberdemocracia. **Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas** - Ano 05, número 09, 2006 - ISSN 1676-2924 Disponível em:



<http://www.unirio.br/morpheusonline/numero09-2006/marcondes.htm> Último acesso: 08.01.2013.

MAYNARD, Dilton Cândido Santos. **Escritos Sobre História e Internet**. 1st ed. Rio de Janeiro: FAPITEC/MULTIFOCO, 2011.

MELUCCI, Alberto. *Challenging Codes. Collective action in the information age*. Cambridge University Press: Cambridge, 1996.

NOIRET, Serge. “La ‘nuova Storiografia Digitale’ Negli Stati Uniti (1999-2004).” **Memoria e Ricerca**, n.s. 18, p. 169. 2005.

<http://www.fondazionecasadoriani.it/modules.php?name=MR&op=body&id=339>

\_\_\_\_\_, Serge. *La Public History: uma disciplina fantasma*. **Memoria e Ricerca**, n.s. 37, p.01-27.

[http://www.francoangeli.it/riviste/Scheda\\_Rivista.aspx?IDArticolo=43004&idRivista=104&lingua=en](http://www.francoangeli.it/riviste/Scheda_Rivista.aspx?IDArticolo=43004&idRivista=104&lingua=en)

RAGAZZINI, Dario et al. **La storiografia digitale**. Torino: UTET libreria, 2004.

ROSENZWEIG, Roy. “Forum Essay: Can We Save the Present for the Future? Scarcity or Abundance? Preserving the Past in a Digital Era.” **The American historical review**. 108.3 (2003): 735.

\_\_\_\_\_, Roy. **Clio wired: the future of the past in the digital age**. New York: Columbia University Press, 2011.

SILVA, Marcos. Espaço cibernético, cibercultura e pesquisa acadêmica. **Revista História Hoje**, v. 1, nº 1, p. 253-265 - 2012

THOMPSON, John B. Introdução. In: **Mezzi di comunicazione e modernità: Una teoria sociale dei media**. Traduzione Paola Palminiello, Bolonha, 1998.

VITALI, Stefano. “Rappresentazioni Della Storia e Del Passato Nella Rete.” **Archivio di Stato, Firenze**, 2005 <http://biennale.st.tiscalibusiness.it/62/61793.pdf>

WEINRICH, Harald. **Lete: arte e crítica do esquecimento**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.